NOTA PRÉVIA

Escrever é tão só como quem estuda e lê, que se obriga a usar o código linguístico português, que estranhamente é, em sede cerebral reproduzido, em imagens, espaços, sons, pausas, articulações e signos. É esta míriade de representações, que toca os sentimentos e pulsões, sensibilidade e percepção, expressos numa flor que se oferece, num afago que se recebe, num olá que se envia no SMS.

A chuva acabou, ou ainda não, mas hoje é semana de Páscoa (revisto em Setembro para a preparação e revisão da tese), e eu queria explicar como começou a minha dissertação naquele seminário do INA, de 4 a 8 de Outubro 2010, em Vila Real. A chuva fustigava o pequeno Yaris, os pára-brisas não tinham mãos a medir. Eram verdadeiras ondas de água, esvaídas, diluídas e indiferentes ao para-brisas. À minha cabeça, preenchida pela urgência da relação mediatizada entre o temporal, e o carro espanhol atrás de quem eu me coloquei, para fazer face à emergência, do travão, dos pneus e de um GPS. Deixei de ver mais alguma coisa, para além do sinal de travão, luzes e sinalética de perigo, do carro e da estrada. Da minha cabeça afluíam os meus directos agradecimentos. Sim porque se era uma questão mental, veiculada pela matéria, eu deveria ter deitado para trás das costas, o atraso e, de certeza me teria deixado mais consolada, alguma troca de palavras com aquelas pessoas espanholas.

Teria sido uma regra de boa-educação ter parado, junto com o espanhol, na estação de serviço? Aplicando o estereótipo masculino, seria normal transformar relações de amizade, em relações sexuais com parceiros múltiplos; ou excluir o uso de preservativo se se quer ser mulher de verdade; ou aprender desde criança a nunca demostrar fraqueza, e muito menos a pessoas do país vizinho, cujo conhecimento da via rápida, correlacionado com o temporal, fez com que se estabelecesse uma relação de obediência, relativamente a estas pessoas.

Depois desta parceria a dois, pergunta-se se aquilo que nós chamamos de estereótipos (que significa opinião pré-concebida e comum imposta a uma comunidade) toma como igual aquilo que é feminino e masculino, tanto na via rápida de Portalegre a Castelo Branco, como na Muralha da China? Como lidar com a desigualdade social, política, económica e cultural, em diferentes contextos sócio-humanos?

Neste momento assalta-me a necessidade, de pôr os braços em cima da secretária e de me transpôr, para o momento primaveril , que desponta, me acolhe e me ocorre, nas palavras que também eu desejo, manter com a discussão da «Dimensão de Género».

 Natividade Torres

 Setembro, Évora 2011

AGRADECIMENTOS

Aos profs J Portela e C Marques, da UTAD, Vila Real, endereço o meu mais sentido agradecimento, pela forma abnegada e estreita do primeiro e do domínio da metodologia estatística do segundo, com que nos receberam ensinaram e explicaram, na Escola de Outono Administração Pública para Jovens Investigadores.

Aos profs dessa Universidade, aos vindos do estrangeiro e da UÉvora agradeço a forma de redistribuir o sistema de avaliação, e investir-se ela própria, (profa Baltazar) como forma de orientar e ajudar-me a reparar o meu currinculum universitário. À profa Belen Rando do INA agradeço a prontidão com que aceitou orientar-me e conciliar-se na vida profissional e familiar. Quem sabe se foi por essa razão que entendeu e procurou mostrar-me o seu perfil de psicóloga e fã do trabalho de campo e psicologia social, com o meu de socióloga e sensibilidade filosófica.

A todos os anónimos, nomeadamente desde informáticos, até técnicos de fotocopiar e técnicos de Biblioteca que me ajudaram nestes 12 meses a construir esta tese, o meu mais sincero agradecimento.